

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação

Seminários Abertos de Pós Graduação – 1º Semestre – 2006 – 07 / Março
Linha de Pesquisa : Ensino de Ciências e Matemática / Linguagem e Educação
Grupo de Estudos em Epistemologia e Didática
Coordenador : Prof. Nilson José Machado

Seminário : A linguagem em sala de aula
Leandro Alves da Silva

Atualmente, vivemos e convivemos em um mundo onde a volatilização do capital, a abertura e encerramento de empresas em pouco tempo, a obsolescência de profissões, as terceirizações, a busca por pertencer a uma comunidade, a insegurança e a falta de confiança nas instituições, influenciam diretamente a fragilidade das relações interpessoais, retirando do homem/pessoa/professor e aluno os seus próprios valores de identificação pessoal.

O ensino superior particular encontra-se imerso no cenário descrito acima e expõe o professor a situações, em que se tenta descobrir formas para conciliar o aprendizado de seus alunos, junto às exigências de *quorum* em sala de aula.

O professor tem em mãos, um conglomerado de disciplinas, muitas delas desconexas, que buscam fornecer ao aluno um arcabouço básico de conhecimento, para obter um diploma de nível superior.

Portanto, o professor se faz presente em um cenário complexo, onde se pretende encontrar soluções que estabeleçam linguagens que vincule o aluno consigo, com o professor e com o conteúdo que necessariamente deve ser aprendido.

1) A linguagem em sala de aula

Para que consigamos construir uma linguagem em sala de aula que sirva para o professor e para o aluno, há necessidade de observar que o sentido da palavra faz-se no contexto e instaura-se no diálogo. O sentido da palavra é inesgotável e se produz nas redes semânticas, formas lingüísticas e atos sociais.

Sendo socialmente construída e culturalmente transmitida, a linguagem é atravessada por visões de mundo, representações mais próximas ou mais distanciadas da realidade vivida. As representações, orientadas por meio do diálogo, consideram possíveis percursos de sentidos que se fazem pelo professor e pelo aluno.

1.1) Diálogo e Interação

Bakhtin, em [2], considera a historicidade, a polifonia (no EU existe o Nós) e a importância do diálogo. Faz críticas tanto à dicotomia entre linguagem individual e a do outro, como à desconsideração da fala. Argumenta positivamente sobre as possibilidades que o falante tem de reconhecer-se como pertencente a uma comunidade lingüística.

A linguagem é um processo pessoal e, ao mesmo tempo, social. A palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. Na evolução histórica da linguagem, a própria estrutura do significado e a sua natureza de sentido também mudam.

Para Bakhtin, a comunicação não é apenas fluxo do locutor ativo para o ouvinte passivo, mas troca, diálogo entre um Eu cultural de inúmeras vozes (que supõem o Tu) e um Tu também cultural e polifônico (que supõem o Eu).

“O locutor é também um replicador, já que não é o primeiro locutor, rompendo pela primeira vez o silêncio, uma mudez de toda eternidade de um mundo. Mas alguém que pressupõe não só um sistema de língua do qual faz uso como a existência de enunciados anteriores (emanados dele mesmo ou do outro) com os quais o seu próprio enunciado mantém alguma relação (funde-se com eles e polemiza com eles) e que supõe já conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um anel da malha da cadeia complexa de outros enunciados” [2].

Do parágrafo anterior, tomando locutor, como professor, vemos a postura daquele que possibilita a troca e o permitir-se ouvir junto aos alunos, respeitando-os como pessoas.

Com o uso do diálogo em sala de aula, o ato de ouvir dos alunos e do professor, recebe atenção. O conteúdo da disciplina apresentado neste cenário possibilita momentos de interação. Quando ocorre a interação, a narrativa construída em sala de aula estará entre o discurso do aluno e do professor, onde as perguntas tornar-se-ão imprevisíveis e dinâmicas.

O professor que possibilita que os alunos sejam ouvidos, permite que o mecanismo da dádiva ocorra e como efeito deste, a obtenção do laço da interação e do vínculo junto aos alunos, se torne inerente.

2) Ouvir e ser ouvido

O diálogo é uma ferramenta essencial para que ocorra a instauração da pessoa aluno e pessoa professor. Porém, este diálogo deve ser diferente do que estamos acostumados. Neste diálogo, o professor ficará mais tempo como ouvinte do discurso que o aluno produz.

Com o uso do diálogo, pretende-se, propiciar ao professor e ao aluno, o entendimento de um caminho comum de prosperidade e benefício mútuo, que auxiliará na manutenção e criação de vínculos, por meio da linguagem que utilizam. Contudo, o ato de ouvir somente poderá ser exercitado em alguns momentos, pois em outros, o *silêncio* terá uma função de grande valor. Para compreender o outro, se faz necessário ouvir as diferenças, as semelhanças, que cada um ouça o outro por inteiro e ouça a si mesmo.

“Ninguém pode desenvolver-se livremente neste mundo, nem encontrar uma vida plena, sem sentir que é compreendido por ao menos uma outra pessoa. Ninguém chega ao auto-conhecimento através da introspecção, nem na solidão de seu diário pessoal; mas sim através do diálogo, do seu encontro com as outras pessoas” Paul Tournier.[1]

“A comunicação humana gira basicamente em torno de dois tipos de linguagem: a linguagem silenciosa (ouvir) e a linguagem expressa (falar). A linguagem silenciosa é o pré-requisito da linguagem expressa, e a qualidade da linguagem expressa não pode ser melhor do que a qualidade da linguagem silenciosa da qual surgiu. A linguagem expressa só pode ser compreendida por meio da linguagem silenciosa da qual surge. O poder de expressão de alguém nunca é maior do que seu poder de silêncio.” Paul W. Keller, Charles T. Brown.[1]

Para ouvir com exatidão, o professor e o aluno, devem reconhecer a relação que existe entre os significados e as palavras. Esta relação pode ser esclarecida se nos lembramos dos seguintes pontos :

- Os significados estão nas pessoas, não nas palavras;
- Os significados não são transmitidos somente na comunicação oral, mas nos sinais orais e visuais – sons, palavras, pausas, tons de voz, omissões, silêncio, expressões faciais, gestos e postura;
- A comunicação é um encontro de significados. Quando os significados do professor encontram os significados do aluno, através das palavras, e a intersecção é suficiente para satisfazer ambos, então alcançamos significados compartilhados;
- Os significados do professor nunca irão coincidir perfeitamente com os significados do aluno. Mesmo numa comunicação íntima, mutuamente apreciada e verdadeiramente compreendida, os significados permanecem únicos e próprios;
- O significado intencionado (daquele que fala) só se aproxima em parte do significado compreendido pelo ouvinte. Sabendo disto, tanto aquele que fala como aquele que ouve deve assumir responsabilidades iguais em combinar seus significados.

3) Usos da linguagem : ensino presencial e não presencial

Atualmente, são diversas as tecnologias que possibilitam a interação entre professor e aluno no ensino presencial. Este por sua vez, tem adquirido outros formatos, que garantem maior eficiência na criação e manutenção de linguagens que façam sentido e vinculem o professor e o aluno. Entende-se por outros formatos, a ênfase à aula expositiva dialogada, onde, a apresentação de seminários, debates e discussões em grupos ocorrem com mais frequência.

Salas de aula com recursos áudio visuais, laboratórios de informática, laboratórios de disciplinas específicas, usos de multimídias (vídeo, som, texto, imagem e voz), tem permitido que o professor torne o ambiente de sala de aula o mais propício possível para instauração do diálogo.

Junto ao ensino presencial, o ensino não presencial, devido ao uso de tecnologias informáticas, ganhou grande atenção nos últimos anos. Ocorre que os ambientes de educação a distância estão cada vez mais sofisticados, permitindo :

- interação entre alunos;
- interação entre professores;
- interação entre alunos e professor;
- troca de arquivos (vídeo, som, texto, imagem e voz);
- entrega de tarefas online, realtime e por agendamento.

“O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. É assim, que os organismos de formação profissional ou de ensino a distância desenvolvem sistemas de aprendizagem cooperativa em rede. Grandes empresas instalam dispositivos informatizados de auxílio à colaboração e à coordenação descentralizada (os “groupwares”). Os pesquisadores e os estudantes do mundo inteiro trocam idéias, artigos, imagens experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com os interesses específicos.” [3]

Esses argumentos são a base do exemplo que segue abaixo.

Como exemplo, imaginemos que um professor iniciou a discussão de um tema em sala de aula. Esta discussão foi gravada por um sistema de áudio e estará disponível em um ambiente de Educação a Distância (EAD) assim que a aula terminar. Este ambiente de EAD controla as vezes que o arquivo foi ouvido e quem o ouviu.

Durante a aula e por email, o professor informa que ocorrerá um “bate papo” sobre o tema apresentado em sala de aula e que o mesmo, servirá como parte da avaliação do semestre. O ambiente de EAD, controla a frequência, a nota e a participação de todos que estiverem no “bate papo”.

Por esse exemplo, pode-se perceber a ênfase à interação, o vínculo e o se fazer ouvir e ser ouvido. O professor tem acesso ao “sentir” a sala de aula no ensino presencial, possibilitando a real percepção das relações entre os mais diversos universos semânticos expressos por ele e pelos alunos. Como participe junto da aula presencial, o ensino não presencial visa continuidade e o complemento a ênfase apresentada.

4) Conclusão

O estudo da linguagem em sala de aula auxilia na criação e manutenção do vínculo. Este vínculo faz com que o professor e o aluno se reconheçam como semelhantes e possibilita a percepção das redes semânticas, constituídas por meio do diálogo. Estas por sua vez, estruturam e organizam a construção dos sentidos em sala de aula.

A compreensão da linguagem utilizada no ensino presencial e não presencial, a interação, o diálogo e o ouvir o outro, constituem todo um ambiente necessário para que o aluno e o professor vivenciem reais momentos de ensino e aprendizagem.

Acredita-se que com a manutenção de tal ambiente estabelecido, o homem/pessoa/professor e aluno consigam conexões entre seus valores pessoais e conduzam toda uma malha de relações e relacionamentos que auxiliarão o viver nos cenários complexos que estão imersos.

Bibliografia

- [1] Augsburger, D. (1993). **Importar-se o Bastante para Ouvir e Ser Ouvido**. ed. Cristã Unida. São Paulo.
- [2] BAKHTIN, M. V. (1978). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**.ed.Hucitec, São Paulo.
- [3] Lévy, P. (1994). **Tecnologias da Inteligência**. ed. 34. São Paulo.